

TRIBUNA DA NATUREZA

a vida selvagem nas quatro estações • ano 6 nº 24 primavera 2005



AS AVES DO PARQUE NATURAL
DO SUDOESTE ALENTEJANO
E COSTA VICENTINA
AS JÓIAS DE VILIAFILA
JEAN-HENRI FABRE



© José Projecto IQ5

DESTAQUES DO OUTONO



AS JÓIAS DE VILLAFILA

Villafila, área protegida do país vizinho, é uma importante zona de migração de aves. Paulo Santos esteve lá recentemente e partilha cos os leitores da Tribuna da Natureza as observações e os exemplos de boa gestão de uma área protegida.

AS AVES DO PARQUE NATURAL DO SUDUESTE ALENTEJANO E COSTA VICENTINA

O Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina (PNSACV) possui ainda uma riqueza avifaunística notável que a bióloga Teresa Saraiva nos revela. A pressão urbanística constante sobre a zona faz temer o pior. Como é mais difícil convencer a proteger o que não se conhece, a Tribuna da Natureza espera que esta visita guiada a recantos do PNSACV contribua para mobilizar opiniões na salvaguarda desta notável área natural.

ZONAS DE PROTECÇÃO TOTAL DA PENEDA-GERÊS: CONTRA QUÊ?

As Zonas de Protecção Total (ZPT) do Parque Nacional da Peneda-Gerês têm uma função primordial na conservação do património natural e paisagístico do único (convém lembrá-lo!) Parque Nacional português. Porém, mercê de uma gestão que praticamente as tem ignorado, caminham para uma situação de degradação tal que nos obrigam a voltar ao tema. Para quando medidas que nos levem a regressar ao tema ZPT mas pela positiva?

FICHA TÉCNICA

DIRECTOR | Miguel Dantas da Gama **REDACÇÃO** | Raul Lima - Editor · Paulo Caetano - Redactor Principal · David Torres · Francisco Álvares · João Carlos Claro · João Cosme Matos · João Loureiro · Luís Rodrigues · Miguel Barbosa · Paulo Santos · Serafim Riem **DESIGN** | Cristina Dordio **ILUSTRAÇÕES** | José Projecto **ASSINATURAS/PUBLICIDADE** | Fernando Silva **COLABORARAM NESTE NÚMERO** | J. Dias Marques · Luísa Marques · Patrícia Correia Branco · Teresa Saraiva **EDIÇÃO E PROPRIEDADE** | FAPAS - Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens **ENDEREÇO** | Rua Alexandre Herculano, 371 - 4º Andar Dto. - 4000-055 PORTO Tel. 22 200 24 72 - Fax 22 208 74 55 E-mail: fapas@mail.esoterica.pt Página web: www.fapas.pt **REGISTO ICS** | 123453 **DEPÓSITO LEGAL** | 146895/00 **TIRAGEM** | 3000 exemplares **IMPRESSÃO** | Inova Artes Gráficas Publicação independente aberta a pessoas e instituições que se dedicam ao estudo e à defesa da vida selvagem. Tribuna da Natureza não é responsável pelas opiniões dos seus colaboradores quando manifestadas em textos devidamente assinados.

CAPA | Águia-pesqueira (*Pandion haliaetus*) © José Projecto

Neste vigésimo quarto número da *Tribuna da Natureza* com que concluímos o sexto ano de publicação, propomos a leitura de um conjunto de pequenos artigos sobre temas ibéricos, um contraponto à anterior edição quase exclusivamente dedicada a dois assuntos, tratados com maior profundidade. Desta vez, as aves merecem destaque.

Com grande satisfação sugerimos um longo percurso pelo Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, atrás da (ainda) vasta avifauna que lá vive ou que por lá passa nas suas rotas migratórias.

Do extremo sul do país, rumamos ao extremo oposto. Em Trás-os-Montes, no Parque Natural do Douro Internacional, damos conta do recurso às novas tecnologias – satélites, GPS e Internet – para obtenção de informação mais rápida, fiável e com menores recursos, principalmente humanos, no trabalho de seguimento de grandes aves-de-rapina ameaçadas, como são os casos da águia-real e da águia-perdigueira.

Deixando o Nordeste a caminho do Noroeste, detemo-nos por Terras do Barroso. Ganhamos fôlego numa das regiões melhor preservadas de Portugal. Aqui ainda se respira Natureza, recomendável a quem aprecia a observação de avifauna, desta vez de montanha, em paisagens de grandes contrastes. Dando continuidade às que

provêm de muito para lá do Larouco, as planuras suaves do Concelho de Montalegre só se detêm nas grandes agruras dos píncaros da Serra do Gerês.

Gerês, que é referência principal do nosso único Parque Nacional, um reconhecimento que vem do passado mas que, só por si, não garante que esta área protegida sobreviva no futuro. Mesmo os seus espaços mais importantes estão votados ao abandono, favorecendo uma degradação que só não é maior porque a Natureza teima sempre em resistir. Cresce o silêncio entre os protagonistas da vida selvagem que vão perdendo voz, abafados pelos alvoroçados desmandos humanos.

Felizmente ainda há quem reme contra a maré. Foi o caso de Jean-Henri Fabre, alguém que se dedicou de alma e coração ao fantástico mundo dos insectos. Disso damos prova num novo capítulo da série *Clássicos da Natureza* que assim volta às páginas da *Tribuna da Natureza* depois de uma breve interrupção.

Por último, devemos uma explicação aos leitores. O atraso com que temos saído também nos incomoda. Mas é ditado por razões que uma equipa de bem intencionados amadores tem dificuldade em contrariar. Esforçamo-nos por recuperar, como prova o escasso intervalo com que saíram estes dois últimos números. Podíamos enveredar por caminhos mais fáceis, como por exemplo juntar duas estações num único número da nossa revista. Vamos continuar a evitar esses atalhos, porque sabemos, olhando experiências alheias, que tal pode indiciar o fim de um percurso.

Com o próximo número regressaremos aos grandes temas.

A 24ª estação

mpcga mlt

Barómetro da estação

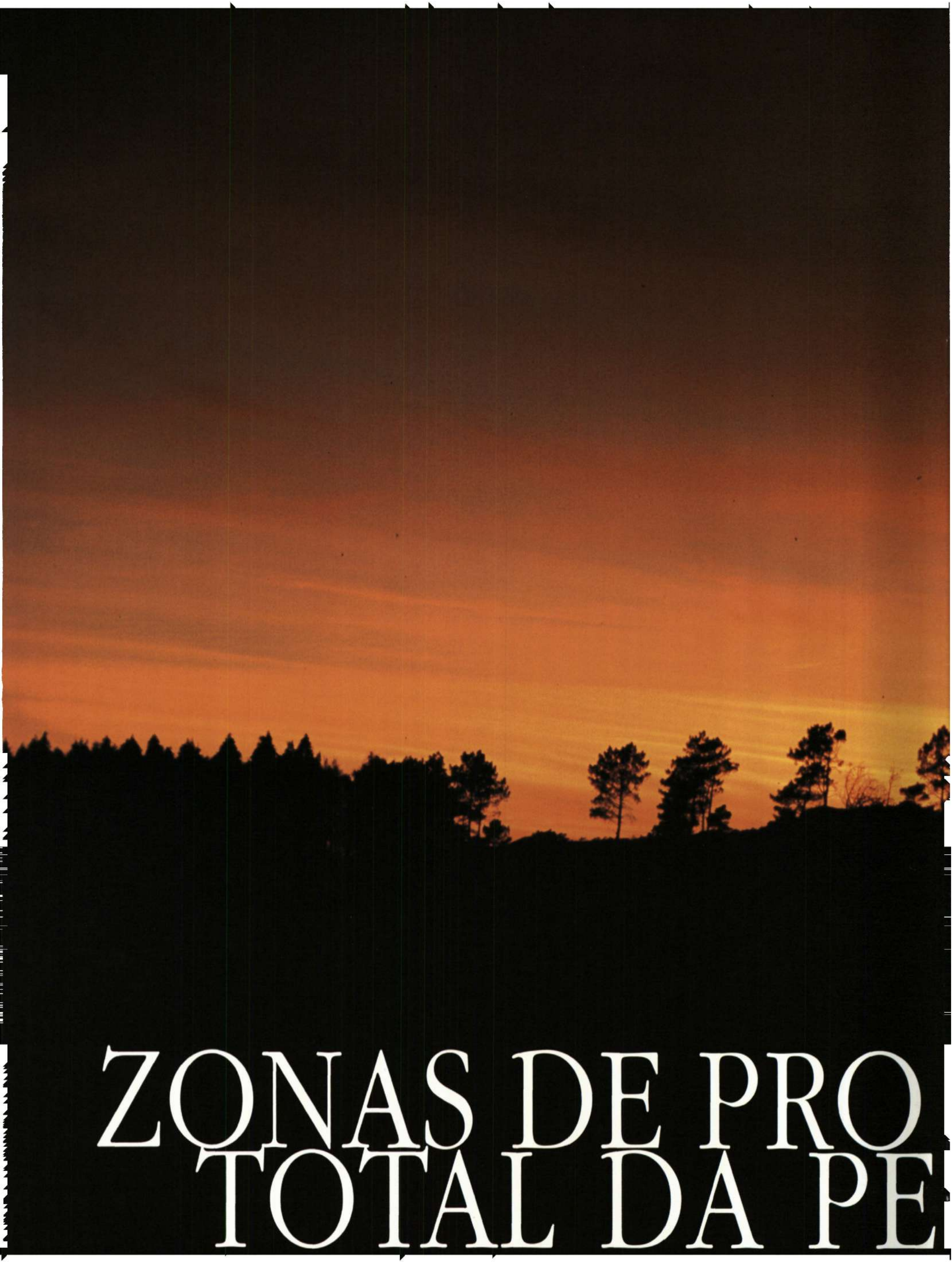
Tendo em conta o que se havia dito sobre o projecto da Barragem do Sabor, pensávamos o assunto (bem) encerrado. Parece que não. O Governo mudou mas, contrariamente ao que seria expectável, a defesa da construção da barragem regressou.

Os autarcas apoiam, dizendo que isso do «rio mais selvagem» não vinga, visto que, segundo eles, o Douro – a cuja bacia o Sabor pertence – está já cheio de barragens.

Ou seja, perdido por cem, perdido por mil!

Com persistência, continua-se a descaracterizar o nosso país, desvalorizando aquilo em que ele poderia realmente afirmar-se através de uma diferenciação positiva. Que não se admirem (nem se queixem) se um dia não passarmos de uma das «mais discretas» regiões autonómicas da Península Ibérica.

TEMPESTADE



ZONAS DE PRO
TOTAL DA PE



TECCÃO NED⁵A-GERÊS

DEFESA DA NATUREZA

TEXTO e FOTOGRAFIAS • Miguel Dantas da Gama

Contra quê?



ZPT1 - SERRA DA PENEDA

À chegada à aldeia avisaram-me logo:

– Tenha cuidado, que hoje andam para aí numa batida ao porco-bravo!

O dia, que se anunciava promissor, de luz e cores outonais, ficou logo turvado. Lá segui serra acima, aproximando-me dos limites do núcleo da Serra da Peneda, integrado na *Zona de Protecção Total* (ZPT) do Parque Nacional da Peneda-Gerês. O contraste entre o seu deplorável estado de conservação (tudo devorado pelo fogo e pelas vacas) e o tão «incontestável» e «definitivo» quanto teórico grau de protecção que lhe foi atribuído não podia ser mais evidente.

Finalmente no penhasco de onde se divisa uma perspectiva abrangente do vale em que sobrevive a última águia-real, aguardo. A motivação – recolher os últimos registos da presença da espécie – também não ajuda a contrariar um sentimento de grande perplexidade face ao abandono com que esta «área protegida» tem sido de facto distinguida.

A pouco e pouco vou localizando, do outro lado do rio, uma multidão de «desportistas» alinhados, sobressaindo da paisagem devido aos exuberantes coletes reflectores que envergam para minimizar o risco de algum «ricochete» mal calculado. Espaçados na serra, de armas em riste, também esperam, mas a motivação deles é outra. Aguardam o desempenho dos cães que, bem dentro do vale, se alvoroçam na tentativa de empurrar os desgraçados javalis – e, sabe-se lá, se algum corço – até que fiquem à mercê do fogo dos caçadores. A todo o momento poderão sucumbir, também nos limites da «bem guardada» ZPT!

Sinto um calafrio só de pensar que a águia-real pode repetir o percurso com que há quinze dias abriu mais uma jornada de seguimento, o que, a verificar-se, colocá-la-ia ao alcance das armas, ao voar diante deste potencial pelotão de fuzilamento! Tenho esperança que isso não aconteça. Afinal é o último exemplar, o que ao longo dos cerca de vinte anos de vida foi sabendo contornar muitas outras inexplicáveis situações como esta. De longe a longe ouvem-se tiros de caçadeira. Semeia-se chumbo pela encosta desta «área protegida».

A tensão vai aumentando, até ao momento em que a grande ave surge, atravessando o vale, mas bem mais a montante. Confirma-se o engenho que a águia demonstra ter desenvolvido para lidar com as múltiplas ameaças à sua sobrevivência que o Homem gera, em consequência de outras tantas práticas agressivas com que este se relaciona com o Meio.

ZPT2 - SERRA AMARELA

O stress vai abrandando já que os caçadores partem para o almoço e não regressam. Até que recebo uma mensagem, de um amigo do FAPAS que caminha um pouco mais a Sul na mesma «área protegida».

– Sabes de um estradão que abriram na Serra Amarela, em direcção ao rio, nos limites da ZPT? Não, não sei. Há dois anos que a última águia-real não me deixa tomar outro rumo diferente do de hoje, nas abordagens regulares à Peneda-Gerês.

– Que fazemos? Questionamos o Parque Nacional? Interroga-me desolado.

Pergunto-me para quê. Porque das duas uma: ou a direcção do Parque não tem conhecimento, o que é mau, ou tem, o que é péssimo. A estas dúvidas opõe-se uma certeza. O caminho está lá e as consequências vão permanecer. Porquê? «Porque não há verbas». Verbas para repor a situação, verbas para controlar a utilização do novo acesso, enfim, verbas para pagar a vontade de fazer qualquer coisa pelo único – e parece que – amaldiçoado,

Parque Nacional. Fundos só existem para destruir. A abertura deste inexplicável acesso confirma-o mais uma vez.

ZPT 3 - SERRA DO GERÊS

Lí recentemente que responsáveis dos bombeiros da região defendem o alcatroamento do estrada florestal Portela do Homem - Carris, argumentando com a necessidade de um melhor acesso para combater os incêndios!!! (Ocorreu-me uma história já com alguns anos, em que alguém com responsabilidades nesta área protegida terá mandado cortar azevinhos para desta forma evitar que eles fossem pilhados! É verdade, também me custou a acreditar.)

De bradar aos céus! Nos limites da parcela da ZPT na Serra do Gerês! Não ficando toda a área coberta por este acesso, o que se seguiria? Continué-lo serra adentro até o Gerês ficar completamente retalhado? Como vem sendo feito por todo o País, de uma forma generalizada?

Vejamos como é definida a ZPT (teoricamente beneficiando do mais elevado estatuto de protecção) no Plano de Ordenamento do Parque Nacional (Artº. 15 e 17 do Anexo à Resolução do Conselho de Ministros nº134/95)?

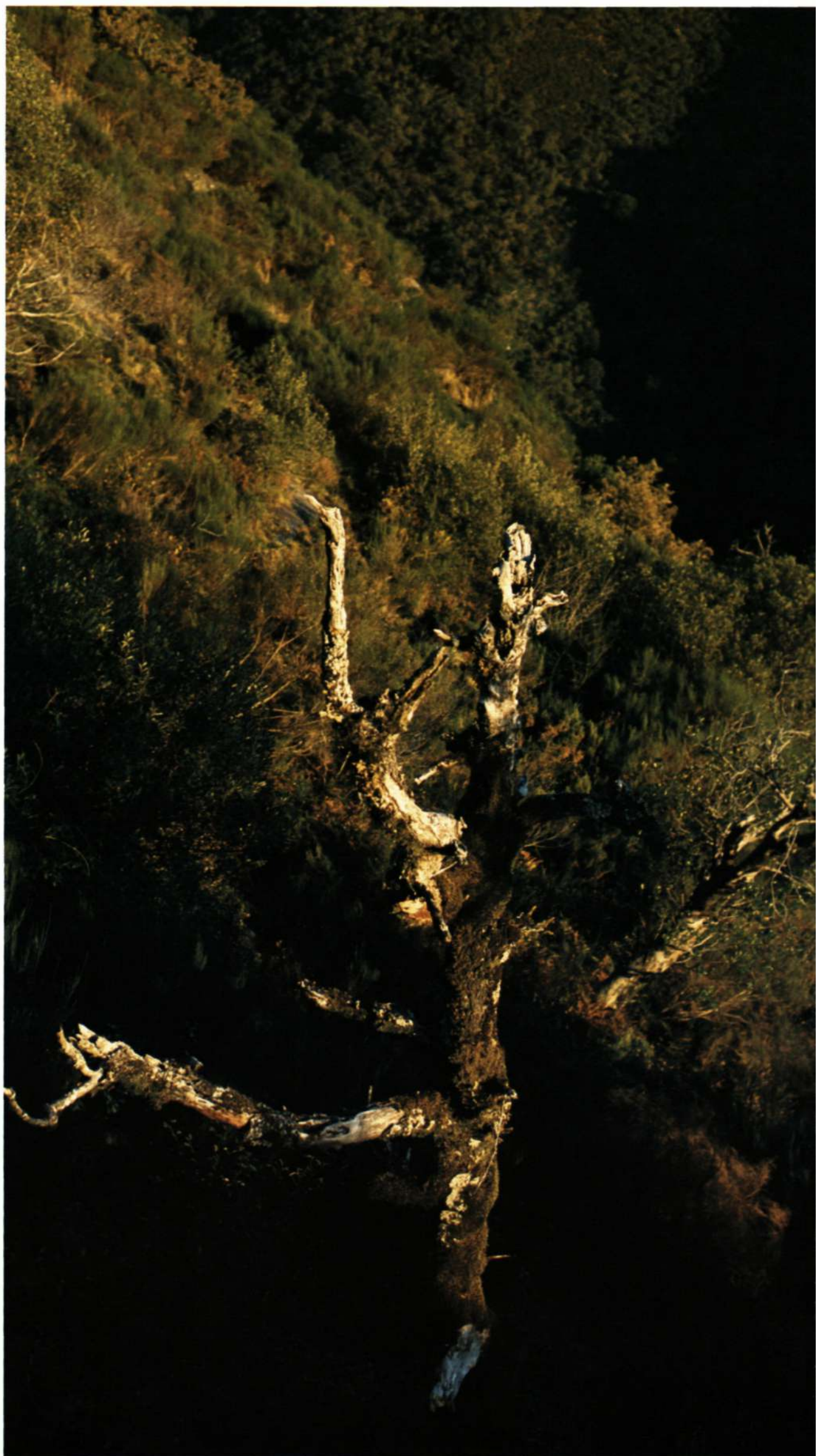
A ZPT (constituída pelos três núcleos acima referenciados, com uma área total de 2650 hectares correspondendo a menos de 4% da superfície do Parque Nacional da Peneda-Gerês) tem estatuto de reserva integral e é caracterizada por conter valores naturais físicos e biológicos cujo significado e importância do ponto de vista da conservação da natureza são excepcionalmente relevantes. A constituição da ZPT tem como objectivos preservar sítios ou elementos naturais que sejam únicos, vulneráveis, raros, ameaçados ou representativos.

No interior da Área de Ambiente Natural () é interdita a prática de quaisquer actividades, com a excepção da pastorícia e da apicultura; em casos excepcionais devidamente fundamentados, a comissão directiva do Parque Nacional, após consultas às autarquias locais territorialmente competentes, pode interditar ou condicionar estas actividades, na ZPT.*

Se não faz sentido colocar em causa o elevado interesse patrimonial da ZPT e sendo conhecida a realidade actual - nalguns casos chega a ser degradante o estado em que a mesma se encontra -, pergunta-se por que não age o Parque Nacional no estrito cumprimento da lei, banindo as queimadas e o sobrepastoreio no interior da ZPT, condicionando a caça e os acessos nos seus limites, acções imprescindíveis para garantir a sua salvaguarda?

A águia-real, como seria de esperar, naquele dia de Outono não voltou.

(*) A ZPT encontra-se delimitada no interior da Área de Ambiente Natural a que corresponde cerca de um terço do território do Parque Nacional.



T

Todos os anos, centenas de aves morrem electrocutadas nos cabos de alta tensão espalhados pelo País. Este fenómeno está a preocupar os ecologistas e já estão a ser tomadas providências no sentido de minimizar o problema. O programa existe, em Portugal, desde 2003 e reúne quatro entidades em parceria: a EDP Distribuição, o Instituto de Conservação da Natureza (ICN), a Quercus e a Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (SPEA).

O objectivo do estudo é monitorizar algumas aves e seguir o seu percurso através da Internet. Para isso, é colocado um emissor no dorso da ave (uma espécie de mochila), com apenas 45 gramas para não a prejudicar, que funciona através de energia solar. «É feito em material sintético e é auto-sustentável, porque não precisa de bateria. Funciona a energia solar. Usamos material altamente sofisticado e desenvolvido pela NASA», explica António Monteiro, biólogo do ICN.

No equipamento são colocados um micro-GPS e um micro-processador, que transmitem toda a informação necessária para a entidade responsável pela recepção dos dados. Estes, que integram informação detalhada, como as coordenadas geográficas e a temperatura corporal da ave, são então re-enviados para o ICN através da Internet. «O aparelho tem um período de sobrevivência de dois a três anos, por isso é colocado de preferência em aves juvenis», diz o especialista.

Sem este tipo de equipamento seria complicado estudar a biologia e o percurso destas aves devido às grandes trajectórias que percorrem. O seguimento à distância com dispositivos emissores facilita essa tarefa de investigação e o recurso ao seguimento via satélite permite obter dados geográficos e físicos essenciais para o sucesso do programa. «Recebemos cerca de 16 dados por dia. E o mais impressionante é que podemos localizar qualquer ave com um erro de apenas 30 metros», explica o biólogo.

Dada a elevada importância do território nacional para a conservação de diversas espécies de aves, foram escolhidas duas espécies que se encontram em situação de risco de extinção à escala europeia: a Águia-real e a Águia de Bonelli. No primeiro caso, as razões apontadas pelos ambientalistas referem que são aves de elevada envergadura (que pode atingir os 2,3 metros) e que utilizam frequentemente os postes eléctricos como poisos estratégicos para a caça. No segundo caso, a Águia de Bonelli, sabe-se que, apesar de serem aves mais pequenas, é a espécie mais afectada por mortalidade através deste tipo de electrocussão.

Assim, durante os últimos dois anos, os ambientalistas têm conseguido recolher informação preciosa para a sobrevivência das espécies estudadas. «Vamos corrigindo os postes, de modo a que as linhas eléctricas fiquem afastadas do sítio onde as águias costumam pousar. Ou então, colocamos marcadores em plástico nas linhas para aumentar a visibilidade das águias em dias de nevoeiro», exemplifica António Monteiro.

Ambientalistas
desenvolveram um
programa, via internet,
que pretende solucionar
o drama da morte de
aves em postes
eléctricos

SEGUIR ÁGUIA

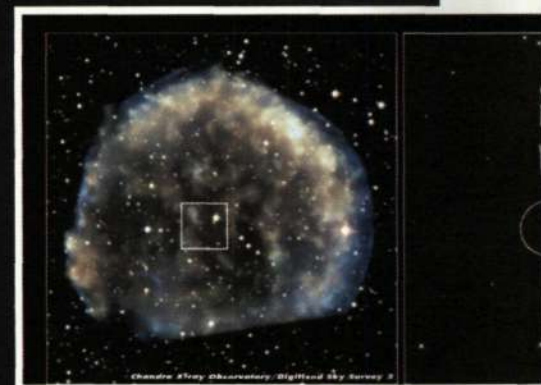
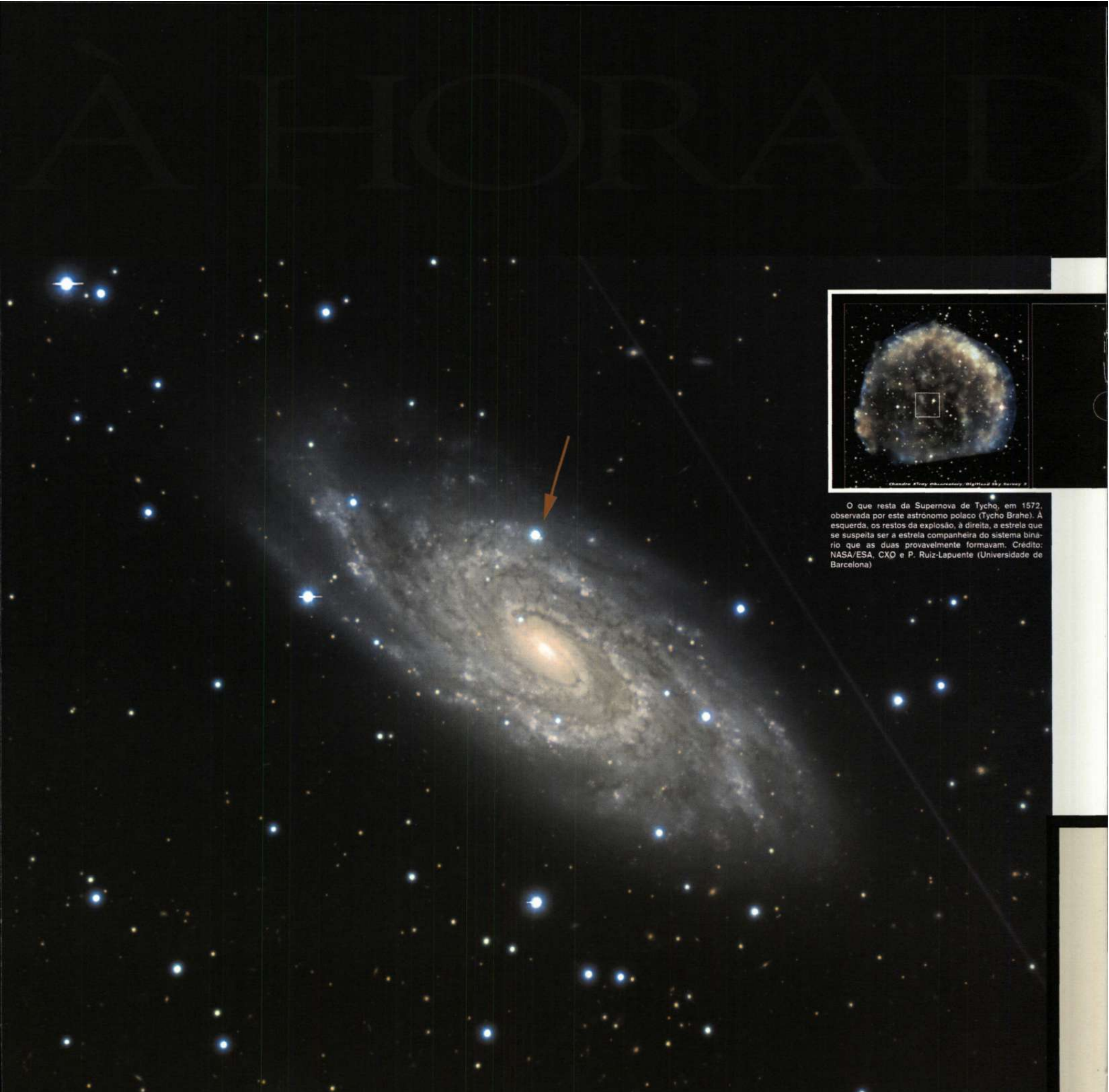


S POR SATÉLITE

ESTUDO DA NATUREZA

TEXTO • Patrícia Correia Branco

FOTOGRAFIA • João Cosme



O que resta da Supernova de Tycho, em 1572, observada por este astrónomo polaco (Tycho Brahe). À esquerda, os restos da explosão, à direita, a estrela que se suspeita ser a estrela companheira do sistema binário que as duas provavelmente formavam. Crédito: NASA/ESA, CXO e P. Ruiz-Lapuente (Universidade de Barcelona)

NGC 6118 e a supernova 2004dk, indicada pela flecha. Não parecendo um astro que sobressaia muito das outras estrelas visíveis no campo da imagem, torna-se imediatamente notável quando se recorda que as outras estrelas visíveis na imagem são estrelas da nossa galáxia. O único astro com aspecto estelar pertencente à galáxia NGC 6118 visível nesta imagem é, de facto, a supernova. Crédito: ESO.

AS DISTÂNCIAS EM ASTRONOMIA

PARTE III

Abordámos já o assunto em anteriores **À hora do mocho**, quando nos referimos à determinação de distâncias pela paralaxe (v. **TN** nº 19) e à utilização de estrelas variáveis (Cefeidas, v. **TN** nº 22) para a determinação de distâncias de ordem superior (galáxias próximas). Quando as distâncias são ainda maiores – galáxias distantes – recorre-se a outros métodos de estimativa da distância. Um deles consiste em estudar a curva de decaimento luminoso de supernovas. As supernovas, recorde-se, representam – ao contrário do que a designação poderia sugerir – o final da vida de algumas estrelas (nem todas as estrelas terminam a sua vida como supernovas, mas lá iremos nestas crónicas). Correspondem, assim, a uma potente explosão, tão violenta que é possível observar o ponto de luz sobressaindo em galáxias que estão tão distantes que não é possível individualizar nelas quaisquer estrelas, sendo indistinguíveis de uma nebulosidade (o mesmo que sucede com a nossa galáxia, a Galáxia ou Via Láctea, quando observada a olho nu: miríades de estrelas que nos surgem como uma mancha difusa). As supernovas

podem assim brilhar tanto quanto a galáxia toda.

Há supernovas de dois tipos, tipos I e II, que se distinguem na análise espectroscópica. As supernovas do tipo I subdividem-se nos subtipos Ia, Ib e Ic e julga-se terem origem em sistemas estelares binários. A magnitude absoluta (1) das supernovas do tipo Ia é semelhante para todas e ronda o valor -18: para que se faça uma ideia do que isto significa, se a explosão dessa estrela tivesse lugar a 32.6 anos-luz da Terra (aproximadamente a distância a que se encontra Pollux, nos Gémeos – v. abaixo, **O Sistema Solar neste trimestre**), seria vista como uma estrela com um brilho 131 vezes maior do que a Lua cheia (que tem uma magnitude de -12.7). Outra imagem que pode auxiliar: a magnitude absoluta do Sol é de +4.8, ou seja, se colocados à mesma distância, a supernova teria um brilho mil milhões de vezes superior ao do nosso Helios.

As supernovas têm curvas de luminosidade características e é pela análise dessas curvas que se pode estimar a magnitude absoluta e, com isso, a distância a que se encontra a supernova. São,

assim, outros faróis galácticos (v. **TN** nº 22) que nos permitem inferir a distância a que se encontra a galáxia em que ocorreram.

Claro que este método de medição exige que... haja uma supernova numa galáxia, o que não é tão frequente quanto isso.

A última na Galáxia deu-se em 1604, a 13000 anos-luz e foi visível a olho nu durante um ano e meio. Todos os anos se observam várias supernovas, em galáxias distintas. A mais próxima dos últimos tempos deu-se em 1987 na Grande Nuvem de Magalhães, galáxia satélite da nossa, e foi visível a olho nu (do Hemisfério Sul).

Muitos outros métodos de determinação de distâncias existem mas pretendeu-se dar apenas uma panorâmica de algumas das técnicas que são utilizadas dependendo da distância a que se encontram os objectos.

As supernovas têm ou tiveram uma importância bem mais relevante do que a aqui exposta. De facto, os seres vivos são feitos das partículas que elas libertam – mas isso será tema de nova **À hora do mocho**.

⁽¹⁾ A magnitude absoluta de um astro, como já foi referido em anteriores crónicas desta secção, é a magnitude que esse astro teria se estivesse a 10 parsecs (pc) (v. **TN** nº 19) de distância da Terra, ou seja, a 32.6 anos-luz.

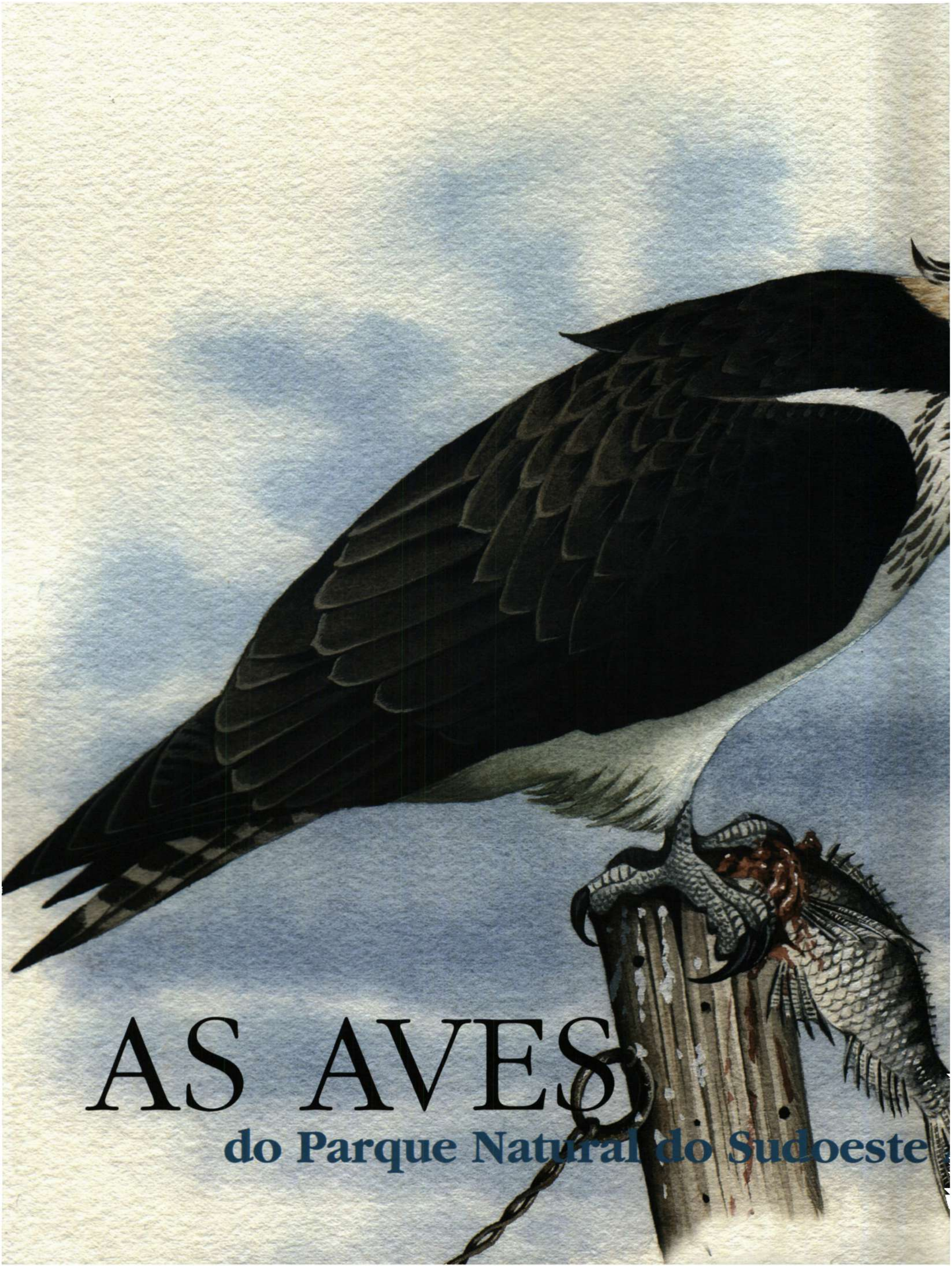
Saturno é o planeta mais bem posicionado nesta estação, bem alto ao início da noite na constelação do Caranguejo (constelação pouco conspicua entre Gémeos e Leão). Aproveite-se para observar o aglomerado (ou enxame) aberto M44, um pouco ao lado do planeta, dentro do mesmo campo visual do binóculo.

Marte é ainda visível ao início da noite, mas já sem o fulgor da estação anterior. Continua, no entanto, a ser o planeta que domina este trimestre pelo ciclo de encontros com outros astros ou objectos celestes que irá ter. Vale a pena recorrer a um binóculo para observar o dia-a-dia da progressão do planeta. É por agora um astro alaranjado deslocando-se rapidamente no firmamento, partindo da constelação do Touro num movimento de Oeste para Este e atingindo a constelação dos Gémeos em meados de Abril (a 14 desse mês entra nos domínios desta constelação). A 2 de Abril passará a uns escassos 11 segundos de arco da estrela 118 Tau, em Touro, uma estrela de magnitude 5.8 (visível, portanto, a olho nu de um local escuro). A 18 de Abril passará rente (cerca de 0.5°) a M35, um conhecido enxame aberto de Gémeos, visível a olho nu de um local com pouca poluição luminosa. A 30 de Abril será a vez da Lua passar a pouco mais de três graus do planeta vermelho. A 30 de Maio já estará a sair da constelação dos Gémeos, formando quase

O SISTEMA SOLAR NESTE TRIMESTRE

uma linha recta com Castor e Pollux, as estrelas mais brilhantes de Gémeos (Pollux será, das duas, a estrela mais próxima de Marte). A Lua estará um pouco abaixo dessa recta, entre Marte e Pollux. A progressão para leste do planeta continua, atingindo depois a constelação do Caranguejo. A 15 de Junho, mais uma observação que se recomenda vivamente: a ONO, Marte sobrepõe-se ao enxame M44 (de que falámos acima a propósito de Saturno). Dada a velocidade do deslocamento de Marte, não disporá de mais nenhum dia para efectuar esta observação. As condições não são as ideais porque o encontro dá-se a uma altitude baixa e na parte do céu que maior iluminação tem a essa hora. A melhor ocasião para observar será entre as 22h30 e as 23h30. Dois dias depois, a 17 de Junho, Marte encontra-se com Saturno, numa reunião de porta aberta que também se recomenda vivamente aos leitores desta rubrica. Saturno será o mais brilhante dos dois, com magnitude aproximada de 0.9 e Marte então com apenas 1.4. Se tiver acesso a um telescópio, valem a pena ambos os espectáculos, mesmo que ocorrendo a uma altitude relativamente baixa (em breve, ambos os planetas mergulharão no crepúsculo da tarde). Não espere, porém, ver qualquer pormenor em Marte – o seu diâmetro angular aparente é muito pequeno (4" de arco); Saturno terá um diâmetro aparente quatro vezes superior (no que respeita aos anéis) o que, sabendo-se que nesse dia está a uma distância da Terra quatro vezes superior (4.33, de facto) à que separa o nosso planeta de Marte, nos dá uma pequena ideia da dimensão deste planeta gigante...

«Do outro lado», atento a estes episódios, Júpiter desequilibra, pelo brilho, a pouco notável constelação da Balança. Nasce a ESE ao início da noite, sempre à espera que se lhe aponte um binóculo ou, de preferência, um telescópio – mas para isso deixe-se que ganhe altura no céu, para o observar em todo o seu esplendor.



AS AVES

do Parque Natural do Sudoeste



Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina (PNSACV). Depois de chegar a Sines, segue-se para Sul. A primeira placa aparece por São Torpes e assinala o limite Norte do Parque. Uma estrada à direita desce a costa junto ao mar: Porto Côvo, V.N. Milfontes, e tudo ainda muito humanizado. Uma excessiva quantidade de habitações invade um espaço outrora naturalmente harmonioso. Dum lado o mar, do outro o homem que não soube deixar de ceder à tentação de explorar o esplendor do litoral. Passa-se a ponte sobre o Rio Mira, e a estrada segue, estreita, por entre o arvoredado alto. A seta indica Almogrove. Tudo começa a soar diferente. Vale a pena o desvio. Ao fundo da estrada, segue um caminho de terra que leva a um pequeno porto. O passeio a pé, pelas dunas, poderá permitir observar mais de perto os Corvos-marinhos (*Phalacrocorax carbo*) que com frequência poeiam na ilhota rochosa mesmo em frente.

Seguimos: o Cabo Sardão, onde antes regularmente se via Gralha-de-bico-vermelho (*Pyrrhocorax pyrrhocorax*), actualmente restrita à zona mais a sul do PNSACV. Já muito perturbado pela constante visitação, assim como no geral grande parte do litoral alentejano do Parque, está longe de apresentar a riqueza avifaunística de outros tempos. É seguindo o Rio Mira, para o interior, que se poderá observar a maior riqueza de aves. Nos sobreirais, nos montes que cercam as margens do rio, o pio característico do Chapim-rabilongo (*Aegithalos caudatus*), a Trepadeira-azul (*Sitta europaea*), a Trepadeira-comum (*Certhia brachydactyla*), o Cuco (*Cuculus canorus*), na Primavera, e o discreto Pica-pau-galego (*Dendrocopos minor*). Mais alto, a imponente Águia-cobreira (*Circaetus gallicus*) ou mesmo uma Águia-de-Bonelli (*Hieraetus fasciatus*). Com um pouco de sorte, durante a migração, podem-se também encontrar aqui Águias-pesqueiras (*Pandion haliaetus*) à procura de alimento.

Retomando para sul, já quase a deixar o Alentejo, um pequeno desvio à Azenha do Mar para uma «espreitadela» ao já emblemático ninho de Cegonha-branca (*Ciconia ciconia*).

Ao fim da estreita ponte de pedra, entramos no Algarve: Odeceixe. Mais de 60 espécies de aves. Antes da ponte, um caminho segue pelo lado direito até à praia. Desde as aves aquáticas, por entre os juncos, as Garças-brancas (*Egretta garzetta*), os passeriformes, pode-se encontrar uma grande diversidade e abundância ao longo de toda a várzea. No Inverno esta zona é particularmente interessante, já que a água torna os terrenos pantanosos e a área assemelha-se a um sapal. Nos pontos mais altos, é durante a migração que mais frequentemente se podem observar as aves de rapinas planadoras. Indispensável, também, é ficar para assistir, ao anoitecer, aos «flocos» de Carranceiros (*Bubulcus ibis*) e Corvos-de-nuca-cinzenta (*Corvus monedula*) que se amontoam na vegetação mesmo em frente à ponte.

Por toda a extensão de costa algarvia do Parque encontram-se facilmente, com apenas um pouco de atenção, os Corvos-marinhos-de-crista (*Phalacrocorax aristotelis*), nas pequenas elevações rochosas mais isoladas, e os Melros-azuis (*Monticola solitarius*) por entre as reentrâncias das falésias.

Seguimos para Aljezur. Um pouco antes existe um desvio, à direita, que leva à Praia da Amoreira. São cerca de 7km ao longo da Ribeira de Aljezur. Este é, sem dúvida, o local por excelência para a observação de aves, em qualquer altura do ano. São mais de 80 espécies de aves de ocorrência regular. Nesta altura, e ao longo de todo o Inverno, podem-se facilmente observar, junto à aquacultura, o Borrelho-grande-de-boleira (*Charadrius hiaticula*) e o Borrelho-de-coleira-interrompida (*Charadrius alexandrinus*), assim como o Pilrito-das-praias (*Calidris alba*), o Pilrito-comum (*Calidris alpina*), e outras limícolas, como o Maçarico-bique-bique (*Tringa ochropus*) e o Maçarico-real (*Numenius arquata*). Junto à praia, pelo amanhecer, grandes bandos de Ostraceiros (*Haematopus ostralegus*). A diversidade de passeriformes é enorme. A sensivelmente meio do percurso, um grande bando de Pegas-azuis (*Cyanopica cyanus*) costuma ser habitualmente visível. Ao anoitecer, um cenário particularmente impressionante: ao longo do arvoredado mais despido que ladeia a estrada, amontoam-se Garças-reais (*Ardea cinerea*), sob a forma de enormes vultos pendurados nos ramos. A não perder.

Rumando novamente a Sul, mas apenas para os carros mais aventureiros, recomenda-se subir ao marco geodésico da Arrifana e espreitar o último ninho activo de Águia-pesqueira (*Pandion haliaetus*). Com sorte, pode-se observar o macho solitário a dissecar um peixe num dos patamares rochosos abaixo do ninho, na proeminente ilhota mesmo em frente à falésia. É um indivíduo residente mas, por falta de fêmea, há muitos anos que não ocorre nidificação da espécie nesta zona.

NATUREZA ACTUAL

TEXTO e FOTOGRAFIAS • Teresa Saraiva Bióloga
ILUSTRAÇÃO • © José Projecto

Alentejano e Costa Vicentina



Abibes



Bando de grifos em migração, perto de Aljezur



Seguindo pela EN120, vira-se para a EN268 em direcção a Sagres. A zona mais espectacular do Parque pode-se dizer que começa aqui. Durante a migração, um passeio pedestre ao longo das charnecas mais intactas na costa permite a observação de uma quantidade enorme de aves marinhas e de todo o tipo de passeriformes migradores. Sugere-se nomeadamente as Escarpas entre o Barranco do Aipo e a zona do Mosquito, quer pela diversidade avifaunística quer pela beleza das paisagens.

Perto da Borda, o Pinhal de Bordaete, de Pinheiro-manso (*Pinus pinea*). Poucos quilómetros à frente encontra-se a Carrapateira. O cartão de visita é a Ribeira, com o mesmo nome. Vale a pena perder horas nesta zona. À esquerda estende-se a várzea até à Vilarinha. Percorrendo o caminho a pé, regista-se uma grande riqueza de passeriformes e, com frequência, várias espécies de aves de rapina. No Inverno são muito comuns os Peneireiros-cinzentos (*Elanus caeruleus*). De volta à estrada, segue-se em direcção ao mar. Há uma estrada que sobe pelo lado esquerdo da Praia da Borda. Percorrendo o caminho de terra iremos encontrar a Praia do Amado. Ao longo do percurso é comum observar Falcão-peregrino (*Falco peregrinus*) a caçar, ou mesmo, no Inverno, Tartaranhão-azulado

(*Circus cyaneus*). Mas é durante a migração que esta zona revela maior interesse. Bandos de centenas de fringilídeos usam esta zona para pernoitar, havendo dias em que a quantidade destas aves é verdadeiramente impressionante. Mesmo junto à costa, com o auxílio de um telescópio, contam-se milhares de Gansos-patolas (*Sula bassana*) e outras aves marinhas em passagem.

Continuando para Sul, chega-se à Vila do Bispo. Entrando pela parte Norte, vai-se encontrar uma estrada que afunila até à Praia do Castelejo. Apesar de não possuir particular interesse para a observação de aves, vale a pena ir ver aquela que é das praias mais bonitas do PNSACV.

Retornando à Vila do Bispo, há um caminho de terra que segue para a Aspa. Logo à entrada do estradão, pendurados nas linhas eléctricas, é comum encontrar, no Inverno, numerosos bandos de Estorninhos-pretos (*Sturnus vulgaris*). Passando o marco geodésico, segue-se pela direita até à falésia, onde reside um casal de Falcões-peregrinos. É um lugar de uma paisagem impressionante. É também um excelente local para observação de aves marinhas em passagem. Durante a migração, toda esta zona é invadida por aves migradoras, desde as pequenas felosas e toutinegras até aos falcões e águias. O Papa-moscas (*Ficedula hypoleuca*) é particularmente comum. Menos comum, aparece em passagem o Melro-de-colar (*Turdus torquatus*). Embora mais difícil de observar, encontra-se aqui, também, a Coruja-do-nabal (*Asio flammeus*), uma espécie parcialmente diurna e muito discreta.

O caminho de terra da Aspa prolonga-se ao longo da costa até Vale Santo. Não está no melhor estado, mas consegue-se fazer com uma viatura ligeira. Pode também retornar-se à Vila do Bispo, seguir para Sagres, Cabo de São Vicente, e entrar no caminho logo à esquerda do muito ornitológico Restaurante Vigia. Mas, embora menos danoso para as viaturas, não será tão interessante. Assim, aventurando-se pelo caminho de terra, ao longo de todo o percurso podem-se contar inúmeras espécies migradoras, especialmente entre meados de Setembro e Outubro. Facilmente se observam dezenas de Águias-calçadas (*Hieraaetus penna-*

tus), Águias-cobreiras (*Circaetus gallicus*), Falcões-abelheiros (*Pernis apivorus*), Milhafres-negros (*Milvus migrans*), Ógeas (*Falco subbuteo*) e Abutres do Egipto (*Neophron percnopterus*).

Já perto de Vale Santo, um pequeno aglomerado de casas, preste-se atenção ao lado esquerdo. Durante todo o ano podem-se observar os bandos de Sisões (*Tetrax tetrax*) e as Narcejas (*Gallinago gallinago*), durante o Inverno os enormes bandos de Abibes (*Vanellus vanellus*) que voam misturados com Taramolas-douradas (*Pluvialis apricaria*). Embora de mais difícil observação e rara, pode-se encontrar também Petinha de Richard (*Anthus richardi*). Junto às casas, e vagueando sistematicamente entre o Cabo de São Vicente e Vale Santo, bandos de dezenas de ruidosas Gralhas-de-bico-vermelho. E entra-se na zona, por excelência, de confluência das aves migradoras outonais. O local onde se concentra a maior diversidade de espécies de todo o PNSACV. São cerca de cem as que ali ocorrem de forma mais ou menos regular ao longo de todo o ano. O pinhal é zona privilegiada de observação de espécies como o Gavião (*Accipiter nisus*) e a Rola-brava (*Streptopelia turtur*), que ali se concentra às centenas de indivíduos. Embora mais discretos e incomuns, encontram-se também Cruza-bicos (*Loxia curvirostra*) e Bico-grossudo (*Coccothraustes coccothraustes*), por vezes em bandos que podem atingir a dezena de indivíduos. Chegados ao marco geodésico da Cabranosa, que tem sido ao longo dos anos o ponto preferido de



Corvos -marinhos, Almogrove





Charneca entre a Praia de Ingrina e Zavial

contagem de aves migradoras, estende-se uma sebe arbustiva em direcção à estrada. Percorrendo esse caminho pelo amanhecer é possível registar dezenas de espécies de passeriformes migradores, em quantidades por vezes muito elevadas. Com frequência vêem-se bandos de centenas de columbídeos atravessando o horizonte, mais frequentemente Pombo-bravo (*Columba oenas*) e Pombo-das-rochas (*Columba livia*). Entre as dez da manhã

envergadura, migram em bandos de centenas de indivíduos, apenas são observáveis durante escasos dias entre Setembro e Outubro.

Prosseguindo viagem, vale a pena espreitar o Cabo de São Vicente. Do lado direito, espreitando o mar junto às falésias, poderão observar-se as Tordas-mergulheiras (*Alca torda*). Durante a migração, centenas de aves marinhas voam para Sul, como sejam o Ganso-patola, a Pardela-preta (*Puffinus griseus*), a Cagarra (*Calonesctris diomedes*) ou o Moleiro-grande (*Stercorarius skua*).

Seguindo para Este, uma pequena paragem no Martinhal para observar as Rolas-do-mar (*Arenaria interpres*) e diversas outras pequenas limícolas, que ocupam a pequena lagoa no Inverno.

Seguindo caminho, virar em direcção à Praia da Ingrina, um pequeno paraíso no Verão. Depois da praia segue uma estrada que sobe a falésia para a esquerda e desemboca no Zavial. Toda essa área de charneca é particularmente rica durante a migração. Ao longo do ano destaca-se por ser dos locais de mais fácil observação de grandes bandos de Alcaravão (*Burhinus oedipnemos*).

Por fim, antes de atingir o limite Este do Parque, no Burgau, a Boca do Rio, onde desemboca a Ribeira de Budens. São quase 60 espécies de aves, ao longo do sapal e margens da ribeira.

Lista Nacional de Sítios ao abrigo da Directiva Habitats (92/43 CEE), para além de ser Parque Natural, cabe frisar que o investimento na conservação destes valores tem sido praticamente nulo.

Sob responsabilidade do ICN, a conservação e investigação sobre a avifauna do PNSACV foi sendo, nos últimos anos, apenas mantida por projectos no âmbito dos Programas de Estágios do ICN, já que os quadros, absorvidos em milhares de pareceres e burocracias, dificilmente o poderiam fazer. Nunca foi, evidentemente, a solução ideal. De qualquer modo, até o Programa de Estágios terminou há cerca de dois anos.

Gradualmente tem-se vindo a assistir ao lento mas progressivo degradar do PNSACV. Não existem recursos humanos, não existem meios nem estratégia de acção ou objectivos. A conservação dos valores naturais limita-se à proibição ou condicionamento de novas construções e intervenções, colocando inevitavelmente as populações aí residentes contra a existência do Parque. A Câmara de Vila do Bispo, onde se insere a Ponta de Sagres, incluindo toda a zona de Vale Santo e Torre de Aspa, propôs a desanexação da área do seu concelho do PNSACV. Ilustra bem o ponto a que a situação chegou.

Felizmente, e apesar de historicamente sabido



Tordas-mergulheiras, Cabo de S. Vicente



Praia da Bordeira



Juvenil de Pilrito-comum, Ribeira da Amoreira

e o meio-dia é a altura privilegiada para observação de aves migradoras planadoras. Em bandos maiores ou menores, durante alguns dias, sobrevoam a área as Cegonhas-negras (*Ciconia nigra*). É vulgar observar duma só vez várias dezenas de rapinas, de diversas espécies, a voar entrelaçadas. Observam-se com frequência Tartaranhões-azulados, inúmeras Águias-de-asa-redonda (*Buteo buteo*) e Peneiros-vulgares (*Falco tinnunculus*). Menos comuns serão o Falcão-da-rainha (*Falco eleonora*), o Alfaneque (*Falco biarmicus*), o Açor (*Accipiter gentilis*) e a Águia-pesqueira. Só com muita sorte se poderá observar o juvenil de Águia-imperial (*Aquila adalberti*) que anualmente se regista em passagem. Também uma questão de sorte será observar os bandos de Grifos (*Gyps fulvus*). Embora facilmente identificáveis, já que para além de aves de grande

No total, estão identificadas para a área do PNSACV 231 espécies de aves de presença regular, 14 de presença irregular e 25 acidentais. No que diz respeito às espécies de ocorrência regular, cerca de 85 encontram-se classificadas como ameaçadas. No que se refere particularmente à migração outonal, as campanhas de observação e contagem de espécies migradoras planadoras, realizadas entre 1990 e 2001, obtiveram estimativas de 1037 a 2032 aves por ano, num total de 105 a 164 espécies, das quais 20 a 27 pertencem ao grupo das aves de rapina. Apesar do incontestável valor do património natural do PNSACV, e mesmo encontrando-se inserido em várias redes de conservação internacionais – Reserva Biogenética (Ponta de Sagres); Zona de Protecção Especial para Aves (Directiva 79/409/CEE) –, e Sítio da

que a riqueza avifaunística desta área já foi bem superior, é ainda possível encontrar zonas de elevado valor. Conheça-as enquanto existem...



Coruja-do-nabal, Aspa

F

Foi numa tarde fria de Janeiro que fiquei rendido às montanhas de Montalegre. Após uma hora de caminhada tinha alcançado uma portela com vista para os principais cumes da Serra do Gerês. Diante de mim desfilavam imponentes maciços graníticos com pequenos bosques de carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*) a seus pés. Um tecto de nuvens carregadas fechava o céu e por onde olhasse não encontrava viva alma. Subitamente um piar característico quebrou o silêncio. Agarrei os binóculos e observei um bando de Galhas-de-bico-vermelho (*Pyrrhocorax pyrrhocorax*) que nesse fim de dia regressavam ao local habitual de repouso. Mas logo a minha atenção foi desviada por outro acontecimento. No topo da montanha mais abrupta um vulto tinha surgido! Enorme, movendo-se com graciosidade, armado com uma imponente cornamenta um macho de Cabra-montês (*Capra pyrenaica*) perscrutava os seus domínios... No nosso país tal só podia acontecer nas belas terras do Barroso.

O concelho de Montalegre possui uma enorme diversidade de biótopos, todos eles em estado de conservação apreciável. Aqui encontramos as serras mais altas do Norte de Portugal, importantes bosques caducifólios, cursos de água preservados, planaltos de altitude e formas únicas de exploração agrícola compatíveis com o meio ambiente.

1. AS SERRAS

As fronteiras Norte, Oeste e Sul são constituídas por montanhas elevadas, respectivamente as Serras do Larouco, Gerês e Cabreira. Por estes cumes solitários vagueia ainda o Lobo-ibérico (*Canis lupus*) ou caça a Águia-cobreira (*Circus gallicus*) que nos visita nos meses mais quentes. As serras determinam importantes alterações meteorológicas: o clima atlântico, suave, característico do Minho dá lugar a temperaturas mais extremas próprias de um clima continental. Por isso os nevões são frequentes no Inverno e o estio prologando no Verão. O carvalho-alvarinho (*Quercus robur*) quase desaparece bem como as plantações do estéril eucalipto (*Eucalyptus sp.*). Em seu lugar reina o carvalho-negral e surge o inevitável castanheiro (*Castanea sativa*), omnipresente na vastidão de Trás-os-Montes.

A serra da Cabreira dispõe-se numa orientação predominantemente N-S e atinge os 1261 metros de altitude. Local de nascimento do Rio Ave (nestas paragens ainda um simples ribeiro de montanha de águas puras, com um apreciável bosque rupícola), é um maciço de relevo pouco pronunciado, com um



MONTALEGRE

panorâmica sobre os

NATUREZA ACTUAL

TEXTO • Miguel Barbosa
FOTOGRAFIAS • Paulo Talhadas dos Santos

extenso planalto de altitude. Nas suas encostas, cobertas por mato rasteiro devido a fogos sucessivos, é possível ainda encontrar resquícios de antigas plantações dos Serviços Florestais que constituem importante abrigo para a nossa fauna.

A serra do Gerês é provavelmente a mais bela de Portugal. A sua vertente Oriental, voltada para o concelho de Montalegre, adquire formas abruptas, mágicas por parecerem tão inacessíveis. Ao caminharmos por entre as suas penedias facilmente somos transportados para o imaginário dos Parques Nacionais americanos, pois amiúdes vezes desaparecem os sinais da presença do Homem. Não há outro local no nosso país em que a Natureza nos pareça tão próxima.

A serra do Larouco, apesar da sua elevada altitude (1540 metros), não é tão extensa nem se encontra tão preservada como as duas anteriores. Ponto obrigatório para a prática de parapente, servida por um estradão bastante frequentado, perdeu em anos recentes as características de isolamento e de encanto que possuía.

2. RIOS E LAGOS

Na região central do concelho encontram-se importantes massas de água como as barragens do Alto Rabagão, Paradela, Sezelhe e

suas águas límpidas albergam importantes populações de Lontra (*Lutra lutra*), Toupeira-d'água (*Galemys pyrenaicus*) e Melro-d'água (*Cinclus cinclus*), nas suas margens desenvolve-se um bosque ribeirinho bem conservado, que funciona como corredor ecológico.

3. PLANALTO DE ALTITUDE

Entre as Serras do Gerês e do Larouco encontra-se um planalto com uma altitude média próxima dos 1000m – é o Planalto da Mourela. Devido a estas condições geográficas a flora e a fauna assumem características únicas. É a terra da vegetação rasteira e do carvalhal enfezado, habitat preferido de várias espécies de aves. Merecem particular destaque a Galinhola (*Scolopax rusticola*), que aqui concentra o seu principal efectivo populacional no nosso país, e a Narceja (*Gallinago gallinago*), que escolhe o Planalto da Mourela como o seu único local de nidificação em Portugal continental.

4. AS MATAS

Embora nos nossos dias o coberto florestal original se encontre bastante reduzido devido a sucessivos incêndios, ainda é possível encontrar belas matas caducifólias.

Merecem particular destaque as Matas do Rio Mau, Beredo e Avelar pela sua extensão e grau de conservação.

Refira-se que a Mata de Avelar se localiza ao lado da vila de Montalegre, pelo que a sua existência actual constitui um pequeno milagre.

Percorrer os trilhos de qualquer uma destas jóias botânicas num dia de sol outonal é uma experiência inesquecível. Aos tons dourados das folhas soma-se o fascínio do canto do Pica-pau-malhado-grande (*Dendrocopus major*), a descoberta das marcas de Corço (*Capreolus*

capreolus) num velho carvalho ou das pegadas de lobo na margem do ribeiro que acabamos de atravessar.

5. PRADOS DE LIMA

Apesar de nos meses de Verão as temperaturas serem altas e a precipitação reduzida, os prados de montanha conservam-se invariavelmente verdes. O segredo reside na existência de sulcos condutores de água distribuídos de forma a assegurarem uma permanente irrigação das pastagens. São os chamados prados de Lima, cuja importância ultrapassa o simples interesse agrícola. Com efeito, estes campos rodeados de arbustos ou árvores em forma de sebe constituem o habitat preferido do Picanço-de-dorso-ruivo (*Lanius collurio*), ave classificada como «Vulnerável» no Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal.

Pelas razões acima expostas descobrir a Natureza em Montalegre é um imenso prazer. Terra de grandes contrastes geográficos, mosaico de paisagens diversas, este é o local que algumas das espécies animais mais emblemáticas de Portugal escolheram para resistir. Até quando o permitiremos?



Venda Nova, servidas por uma multiplicidade de ribeiros de montanha.

Na Serra do Larouco nasce o rio Cávado, principal eixo fluvial da região. Enquanto as

espaços naturais da região

Abetardas e gansos. As primeiras às dezenas, os segundos aos milhares. É para os ver que viajamos até Villafila, a cerca de uma hora para norte de Zamora e, ano após anos, somos sempre recompensados com fantásticas observações destas e de muitas outras espécies de aves. Parece paradoxal tal abundância e diversidade pois, numa descrição simples, esta região não é mais que um conjunto de grandes charcas rodeadas de quilómetros e quilómetros de monótonas searas. Quase não há árvores, e dos extensos azinhais que outrora ocupavam a região, nada. Mesmo nada. No entanto, esta área protegida é uma das mais importantes zonas ibéricas para a Conservação de aves.

Mais de vinte mil gansos passam os meses mais frios do ano nesta zona húmida. É difícil não os ver, voando em grandes bandos desorganizados de milhares de indivíduos ou em bandos menores, formados em «V», deslocando-se ruidosamente ao início e ao fim do dia entre as zonas de pernoita e as zonas de alimentação. Durante o dia podem ver-se um pouco por todo o lado, em grandes grupos pousados nos lagos e nas suas margens ou nas searas lavradas. De acordo com os recenseamentos efectuados ao longo do tempo, foi na década de setenta do século passado que estas aves – que antes apenas passavam por aqui em trânsito Outonal dos países do norte da Europa para Doñana, junto ao Mediterrâneo – começaram a terminar a viagem neste local, aqui permanecendo até à migração de fim de Inverno,

de volta a locais tão distantes como a Escandinávia, a Holanda, a Alemanha ou a Polónia. Parece terem aqui encontrado uma boa alternativa às cada vez mais secas Marismas do Guadalquivir. A maior parte deles são ganso-comum mas aparecem também outros como o ganso-campestre, o ganso-de-faces-brancas e o ganso-indio.

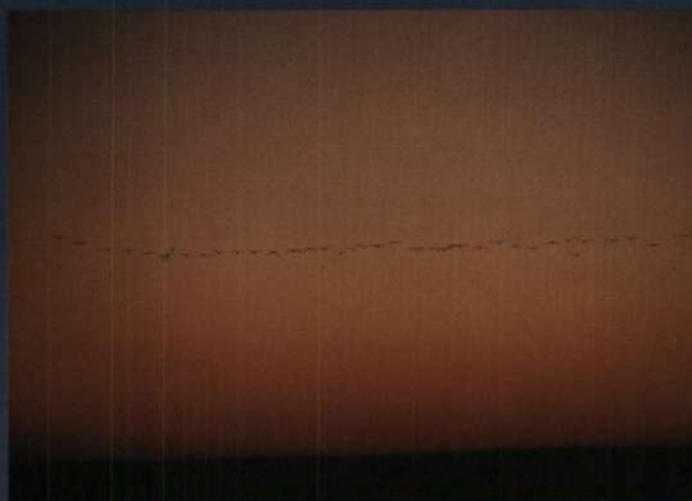
Ao contrário dos gansos, as abetardas passam aqui todo o ano mas são mais facilmente observadas quando as searas não estão crescidas. No Inverno podemos mesmo vê-las a curta distância, apesar de serem bastante desconfiadas e mudarem de local quando sentem que o observador se pode tornar um risco. Apesar de se mostrarem sempre imponentes, com porte garboso e o leque armado, é no início da Primavera que os machos mostram todo o seu potencial estético, ao efectuarem os seus combates nupciais, armando as penas em pose espectacular. Vê-las aqui é um privilégio, pois extinguíram-se da maior parte dos países europeus e, mesmo nesta zona onde se mostram na maior densidade conhecida, continuam o declínio ano após ano.

Para além das espécies já referidas, principais chamarizes para o amante de aves, as lagunas e zonas envolventes albergam ainda muitas outras espécies. Entre as migradoras, umas invernantes outras estivais, temos várias espécies de anátides e de limícolas em grande quantidade, bem como a águia-sapeira, a águia-caçadeira, ou o peneireiro-das-torres, que aqui apresenta uma

abundância invejável. Este, tal como o seu primo residente, o peneireiro-vulgar, é facilmente observado nos poucos poleiros disponíveis que são, na maioria, sinais de trânsito à beira das estradas ou paus das vedações que cercam os terrenos. Outras aves dignas de reparo mas mais raras e, por esse motivo, mais difíceis de observar, são os cortiços-de-barriga-branca, que aqui residem todo o ano, ou os groux que por cá passam durante as suas migrações, e várias outras espécies. Também merecedoras de referência, pela sua elevada abundância, cotovias, estorninhos ou enormes bandos de pintassilgos acompanham o observador por todo o lado.

Esta descrição sumária não ficaria minimamente completa sem uma referência a dois elementos que caracterizam a paisagem local. O primeiro diz respeito aos pombais, semeados abundantemente na região. Podemos encontrar muitos deles antigos, a maior parte em adiantado estado de ruína, permitindo ver que são construídos com várias paredes concêntricas, com centenas de ninhos encaixados nas paredes. Podemos também distinguir os pombais novos, ou os recuperados, e verificar que contribuem de várias formas para a economia e gastronomia local e criam muitas pombas para as aves de rapina que não desdenham tal petisco.

O outro elemento é constituído pelos rebanhos de ovelhas que podemos observar aqui e ali, conduzidas por pastores a pé ou a cavalo, acompanhados de vários cães galgos, o que resulta numa



AS JÓIAS DE



visão estranha. Esta actividade alimenta a produção local de queijos de receita tradicional, complementando os ganhos da agricultura.

Desde 1986 que esta zona de cerca de 30 mil hectares tem estatuto de protecção. No entanto, só recentemente foi declarada Reserva Natural, para além de constituir uma Zona de Protecção Especial para Aves, declarada ao abrigo da Directiva 79/409/CEE, bem como Sítio Ramsar. Apesar de fortemente humanizada, apesar do emparcelamento agrícola que acabou com árvores e sebes, apesar da monocultura de cereal, apesar da caça, é admirável como um tão vasto conjunto de aves continua a viver neste espaço, umas em regressão, como as abetardas, outras em expansão, como os gansos.

Aproveitando financiamento comunitário e acrescentando verbas nacionais, o país vizinho conseguiu algum ordenamento neste território, limitando a caça às zonas envolventes, impondo regras à actividade agrícola e pondo em prática um eficaz serviço de vigilância. Pudemos comprovar a sua actuação, vigiando as actividades venatórias desde antes do nascer do sol. Para além destas acções, um impressionante Centro de

Interpretação da Natureza foi construído. As suas instalações são um exemplo a seguir, bem como o atendimento dos funcionários. O Centro, construído sob inspiração da arquitectura local, está instalado entre a salina grande e a lagoa de Barillos e possui uma rede de observatórios virados para pequenas lagoas onde podem ser observadas, em liberdade, todas as espécies aquáticas que povoam a região. Para além do Centro, vários observatórios estão espalhados pela zona, permitindo aos muitos turistas que demandam a região optar por diferentes locais de observação e ir rodando entre eles. Os habitantes da região souberam adaptar-se a este tipo de turismo e apreciam os estranhos que vêm ver as aves e depois lhes dormem nas casas rurais e pensões, ou que comem tapas nos restaurantes, ou que vão provar o queijo e os bolinhos ao sítio certo.



VILLAFILA

NATUREZA ACTUAL TEXTO e FOTOGRAFIAS • Paulo Talhadas dos Santos

Jean-Henri Fabre

O MUNDO FASCINANTE DOS INSECTOS

Há quem pense que os ecologistas se preocupam com as espécies em extinção sim, mas sobretudo com as espécies felpudinhas como peluches, género urso panda ou tigre, ou com animais fétiche como o elefante e a baleia, ou com bichos populares como os golfinhos. Alguns ironizam: o público não se impressionaria tanto se em vez desses peluches lhe falassem de bichos mais inóspitos como répteis, batráquios ou insectos. Talvez com excepção das borboletas...

Mas quem penetre um pouco além do domínio mediático sabe que a salvaguarda dos ecossistemas repousa na manutenção da diversidade da vida e que, para ela, as formas aparentemente mais humildes ou obscuras são de importância primordial. Até mesmo os insectos!

Foi assim a entomologia ganhando cartas de nobreza no mundo da ecologia e da conservação da natureza. Pioneiro nesta matéria, ergue-se o enorme vulto de Jean-Henri Fabre, cuja extensa obra *Recordações Entomológicas: estudos sobre o instinto e os hábitos dos insectos* (***Souvenirs entomologiques: études sur l'instinct et les mœurs des insectes***), publicada entre 1879 e 1907 e posteriormente traduzida em 14 línguas, se tornou um dos mais apreciados clássicos do ramo. Há quem o considere mesmo como o mais importante sábio na história da entomologia.

ORIGENS

Jean-Henri Fabre foi, segundo Chloé Hunzinger, um entomologista genial, ao mesmo tempo cientista, humanista, filósofo e poeta. Mais do que ninguém, soube viver em contacto com a natureza e fundir-se com ela e nela.

No entanto, as suas origens são modestas. Autodidacta, discreto, apegado ao seu terrunho, nele se consagrou ao estudo minucioso dos insectos, pri-

vilegiando a observação directa. Recorreu também abundantemente ao registo fotográfico das suas observações.

Nasceu em 1823 de uma antiga estirpe de gente da terra, boieiros, cavadores de enxada e tecelões. Teve uma infância rude, raizando a miséria. Desde criança manifestou amor aos insectos: «Sem mestres, sem guias, muitas vezes sem livros, apesar da miséria, da sua terrível asfixia, eu avanço, persisto, enfrento as provações... Nasci animalista. Porquê e como? Não há resposta.»

Na casa onde nasceu, hoje transformada em museu, na aldeia provençal de Saint-Léons, é possível descobrir a sua obra de entomologista, botânico, escritor e aquarelista. Em painéis didácticos, comentam-se os seus principais estudos sobre o comportamento dos insectos. No jardim estão reconstituídos os seus instrumentos de observação. Como botânico, organizou o herbário de toda a flora do Vaucluse, a sua região na França mediterrânea quente e luminosa, tendo-se especialmente debruçado sobre os cogumelos, que descreveu. Como aquarelista, realizou mais de 700 aquarelas, em representação da flora e da fauna que o fascinava.

Sobre a sua humilde aldeia, escreveu: «Conheço a fundo a minha aldeia, há tanto tempo abandonada; quase ignoro as cidades aonde me conduziram os acasos da vida. Um lugar de delicada suavidade prende-nos ao solo natal; somos a planta que não larga sem rasgões o ponto em que cresceram as suas primeiras raízes. Por pobre que ela seja, gostaria de rever a minha querida aldeia; nela quereria deixar os meus ossos.» Hoje Saint-Léons conta apenas 60 habitantes e já pouco resta da sua animação passada.

VIDA E PROECÇÃO

Para sobreviver, Fabre começou por recorrer a pequenos ofícios, desde ferroviário não especiali-

zado a vendedor de limões. Foi assim que conseguiu estudar e tornar-se professor primário em Carpentras aos 19 anos, tendo praticado a profissão até aos 56 anos. O prestígio que assim foi alcançando fez com que lhe fosse atribuído o ensino de química no liceu de Avinhão, uma das principais cidades provençais.

Correspondeu-se com Darwin, que apreciava, embora tivesse reservas quanto a alguns aspectos da sua teoria da evolução, que não considerava inteiramente satisfatória. Foi amigo de John Stuart Mill, quando este se instalou em França, não muito longe da sua região. Grande escritor ele próprio, lia grego e latim no original. Redigiu cerca de uma centena de livros escolares de diversas disciplinas e escreveu numerosas obras de divulgação para jovens. Foi grande leitor de Aristóteles, Plínio, Vergílio, Pascal, Montaigne, La Fontaine, Dante, Rabelais. Victor Hugo chamou-lhe «Homero dos insectos», Edmond Rostand, que preferia ver nele o «Vergílio dos insectos», disse dele: «Um grande sábio, que pensa como filósofo, vê como artista e se exprime como poeta.» Para o escritor Remy de Gourmont, Fabre foi quem lhe revelou o verdadeiro lugar do homem na natureza. Referindo-se à compra casual num alfarrabista das *Recordações Entomológicas*, diz ele: «Levei o livro, sem suspeitar da influência que ele viria a ter um dia no meu desenvolvimento intelectual, sem suspeitar que ele viria a suscitar em mim a ideia de uma filosofia em que o homem não teria já o lugar exclusivo, mas somente um lugar no meio da série animal.»

ENCRUZILHADA AOS 56 ANOS

Se é certo que, a par e passo da sua carreira de professor, Fabre, sempre que pode, deambula pelos campos, consagrando-se à sua paixão de animalista, é um acidente fortuito da sua vida que, já com 56 anos, lhe vai permitir consagrar-se a fundo à sua paixão pelo mundo dos insectos. Uma pequena cabala agitada por mentes estreitas vai levar a que seja afas-

1823-1915

CLÁSSICOS DA NATUREZA 14

TEXTO - J. Dias Marques coordenador da revista *Ar Livre*

tado do ensino. Liberto dessas servidões, pode finalmente realizar a sua vocação e é então que se consagra à redacção das suas *Recordações Entomológicas*. Descobre uma propriedade, situada na localidade de Sérignan-du-Comtat, um belo edifício rodeado de terras ao abandono, que se torna o laboratório vivo das suas investigações naturalistas. Adquire-a e dá-lhe o nome de Harmas, que em provençal significa precisamente um terreno inculto e abandonado. É assim que se lhe refere: «Era isto o que eu desejava, um cantinho de terra, não muito grande não, mas cercado... Um pouco de terra abandonada, estéril, queimada pelo sol, favorável aos caros e aos himenópteros.»

Pode então dedicar-se ao seu sonho: «A biologia do insecto calhou-me em sorte, não sei bem como. É nela que estou, e aí fico, já que não tenho tempo para melhor escolha... Durante todo o Inverno, dei a palavra à lagarta processionária do pinheiro que me contou histórias bem curiosas; e dirijo-me agora para um encontro a sós com o ralo, com o grilo... e tantos outros. Não acaba nunca...»

Foi nessa quinta que se dedicou inteiramente à observação da fauna e da flora. É nela que se transforma ele próprio em insecto: «Essa não é uma operação mágica mas uma sublimação do espírito que atinge o cume do conhecimento e confina com um misticismo da razão.» O mundo que aí podia observar valia bem o exotismo das viagens: «Vamos buscar a longínquas paragens novos espectáculos para as nossas meditações; porém, temo-los debaixo dos olhos, dentro dos muros do nosso cercado.»

A paixão que sempre teve pelas plantas é indissociável da que teve pelos insectos. Os entomologistas, tal como os insectos que estudam, não separam nunca o conhecimento dos animais do conhecimento das plantas. Foi em contacto com as plantas que Fabre descobriu a sua vocação de naturalista.

Mas, mais ainda que entomologista, Fabre foi etó-

logo, estudioso do comportamento do animal, antecipando-se assim a uma disciplina que só em pleno século XX viria a florescer. Detestava os animais mortos e preferia sempre observar o comportamento dos animais vivos. Para Fabre, o insecto não é apenas um ser instintivo regido por reflexos, é um ser de vida e de maravilha: «Ele, de uma riqueza nunca vista em instintos, hábitos e estrutura, revela-nos um mundo novo, como se falássemos com os naturais de outro planeta. É esse o motivo que explica que eu tenha o insecto em elevada estima e que renove com ele relações incansáveis.»

O seu «gosto» pelos insectos não excluiu sequer aspectos mais insólitos, como, por exemplo, a gastronomia. Diversas vezes experimentou a degustação de insectos, que considerava deliciosos. Referiu-se especificamente ao consumo das cigarras, muito apreciadas já por gregos e romanos, e de que assinala as grandes virtudes terapêuticas. Chegou a organizar na sua aldeia de Saint-Léons uma degustação de larvas de *Cossus cossus*. A esta luz, certas cenas do cinema moderno, que impressionam muito os cidadãos, surgem como muito menos repelentes, e até naturais.

FABRE HOJE

Além do pequeno museu que lhe é consagrado na sua aldeia natal, Fabre está hoje presente sobretudo na sua propriedade do Harmas, actualmente pertença do Museu Nacional de História Natural francês e que, depois de uma época de decrepitude, está agora a sofrer obras de recuperação, estando por isso encerrado ao público. Uma reabertura parcial está prevista para 2006. Voluntariamente, o local mantém o aspecto um pouco selvagem que Fabre muito apreciava. Com 800 espécies etiquetadas, permite uma iniciação às especificidades da flora mediterrânica. Em volta do Harmas, surgiu uma associação dos companheiros do Harmas de Jean-Henri

Fabre («Compagnons de l'Harmas de Jean-Henri Fabre»), que procura salvaguardar a sua herança. Verdadeiro lugar de peregrinação para cerca de três mil visitantes por ano, é muito conhecido fora de França e especialmente no Japão, país que traduziu diversas obras de Fabre e onde existe por ele um verdadeiro culto.

Em 2003, foi-lhe dedicada uma exposição em Paris, na qual foram expostos alguns dos seus instrumentos, a mesa minúscula em que escrevia, elementos da sua biblioteca, as suas heteróclitas colecções, de conchas, de moedas, de insectos, as suas obras para adultos ou para crianças, os seus poemas em francês ou em provençal, e as suas hábeis aquarelas.

Mas o que talvez melhor exprime a dimensão que Fabre atribuiu ao mundo dos insectos, e que se poderia considerar o seu sonho realizado, é a Cidade dos Insectos designada por Micropolis, e que surgiu na sequência do enorme êxito do filme *Microcosmos*, que teve cinco milhões de ingressos, e que foi filmado em Lézou, relativamente perto da aldeia natal de Fabre, Saint-Léons. A Cidade dos Insectos ou Micropolis é um parque onde se podem apreciar 11 exposições permanentes e onde as crianças podem experimentar ver com a visão de uma formiga, observar a vida de uma colmeia, compreender as metamorfoses ou o percurso das «operárias».

PARA SABER MAIS

Os *Souvenirs entomologiques* foram reeditados em 1989 em dois volumes, num total de mais de 2200 páginas (edição Robert Laffont, colecção Bouquins). O II volume encerra com a bibliografia de Jean-Henri Fabre e com uma bibliografia geral. O I volume é precedido de um extenso prefácio, mais de cem páginas compactas, do organizador da reedição, Yves Delange, do Museu Nacional de História Natural francês. Nesse prefácio se encontram numerosas informações sobre a vida e a obra de Fabre e sobre a sua irradiação.

MUSEU DA CASA NATAL

Maison natale et Musée Jean-Henri Fabre
jeanhenri.fabre@wanadoo.fr
<http://www.musee-jeanhenrifabre.com/>
12780 Saint-Léons

LE HARMAS

route d'Orange
84830 Sérignan-du-Comtat
Musée national d'histoire naturelle
tel. + 33 4 90 70 00 44
<http://www.museum-paca.org/harmas-collections.htm>

MICROPOLIS

12780 Saint-Léons
tel. + 33 5 65 58 50 50
<http://www.aveyron.com/nature/micropolis.html>
http://perso.wanadoo.fr/sbv/Articles/bulletin_2/harmas.html
<http://micropolis.biz>

MICROCOSMOS

le peuple de l'herbe
Filme documentário realizado em 1996 por Marie Perennou e Claude Nuridsany
Existe em versão vídeo e DVD

INSECTES

revue trimestrielle de l'Office pour l'information éco-entomologique (OPIE)
La Minière, BP 30
F - 78041 Guyancourt cedex
tel. + 33 1 30 44 13 43

TRIBUNA

neste outono em poucas palavras...

Quebra-ossos de novo nos Picos da Europa

Dois quebra-ossos permaneceram, pelo menos durante um mês, no maciço oriental do Parque Nacional dos Picos da Europa, entusiasmando a Fundación para la Conservación del Quebrantahuesos (FCQ) que desde 2001 vem desenvolvendo aí um programa de recuperação (em colaboração com os Governos Autónomos de Aragão, Cantábria, Astúrias e Leão e Castela) em defesa do maior dos abutres ibéricos. O objectivo é fazer regressar a espécie à Cordilheira Cantábrica, montanhas que há muito viram desaparecer a sua população. Este caso é o mais interessante dos 38 registos de ocorrência do quebra-ossos (com origem em dispersões periódicas e erráticas de indivíduos provenientes dos Pirinéus) nos últimos 3 anos, devido ao facto dos dois indivíduos permanecerem juntos, o que faz supor tratar-se de uma parelha. Os elementos da FCQ que os seguem tiveram uma recompensa adicional, já que os animais se aproximaram dos comedouros e dos modelos de quebra-ossos em resina, estrategicamente colocados para os atrair e fixar, forçando o regresso do *quebrantahuesos* a esta cordilheira do norte de Espanha.

Projecto de reprodução do galo-montês cantábrico

Da mesma região chega-nos uma outra promissora notícia. O galo-montês (*Tetrao urogallus* L.), espécie extremamente ameaçada na Cordilheira Cantábrica, vai beneficiar da construção de uma unidade de reprodução em cativeiro, integrada no projecto «Parque de la fauna de Redes», onde vão ser investidos – só para este efeito – cerca de um milhão de euros. Ocupando uma superfície de 10.000 metros quadrados, a unidade será constituída por núcleos de criação, áreas de pré-musculação e câmaras de voo, para que os animais nascidos neste centro possam ser libertados em condições que tornem mais viável a sua sobrevivência e deste modo reforçar a escassa população cantábrica, à qual é atribuída uma sub-espécie própria diversa da vizinha pirenaica. O complexo, que arrancará já em 2006, localizar-se-á no Parque Natural de Redes, declarado pela UNESCO Reserva Mundial da Biosfera.

Se a edição de um livro dedicado a um passeriforme

não é muito vulgar, em Portugal revela-se uma iniciativa ainda mais rara. Foi pois uma boa surpresa para a Tribuna da Natureza a obra de Luís Reino sobre o picanço-de-dorso-ruivo (*Lanius collurio*) com fotos de Nuno Farinha, Kevin Carlson e Christian Kerihuel e ilustrações de Nuno Farinha e Fernando Correia, e que se integra numa colecção dedicada ao património natural de Trás-os-Montes (João Azevedo Editor – Mirandela). Na primeira parte, o autor aborda em detalhe a família dos picanços de uma forma geograficamente abrangente, aprofundando questões taxonómicas da nem sempre definitiva ou consensual «arrumação» das espécies. A ave migratória protagonista do livro e que em Portugal nidifica principalmente nas terras altas do Minho e Trás-os-Montes – limite sudoeste da sua distribuição no Palearctico Ocidental – é tratada mais adiante, em vários aspectos da sua biologia. Na obra, que recomendamos aos nossos leitores, são também sugeridos percursos onde é possível observar o picanço-de-dorso-ruivo (como há anos vimos confirmando).

João Cosme – colaborador da Tribuna da Natureza

– e António Monteiro, biólogo, técnico do Parque Natural do Douro Internacional, publicaram (fotografias e texto, respectivamente) *Ambientes* – Figueira de Castelo Rodrigo, a magia e o encanto da natureza. Esta obra, editada pela Câmara Municipal, é profusamente ilustrada com fotografias da Natureza deste concelho, acompanhadas por uma monografia que refere (também) a fauna que aí existiu, bem como a que hoje sobrevive num Meio tipificado de uma forma interessante. A região retratada, delimitada pelos vales dos rios Côa, Douro e Águeda é uma das mais ricas e biodiversificadas do nosso país, principalmente no que se refere às aves de rapina. A ocorrência de águia-real, águia-perdigueira e de várias espécies de abutres confirma-o (sugerimos uma visita ao sítio www.joao-cosme.com).



FORMATIVA

NATUREZA NOTÁVEL

TEXTO E FOTOGRAFIA • Luís Rodrigues • Luísa Marques
Cirurgião de árvores • Bióloga

A «CASTANHEIRA» DE VILAR DE OSSOS

Este majestoso exemplar de Castanheiro (*Castanea sativa*, Miller), está situado no lugar de Lagarelhos, freguesia de Vilar de Ossos, concelho de Vinhais, povoação incluída na área do Parque Natural de Montesinho.

Tem 12,8 metros de perímetro (a 1,3 metro do solo), 17 metros de diâmetro de copa, cerca de 14 metros de altura e estima-se que seja milenária. Está classificada como «árvore de interesse público».

No decorrer da sua longa vida a árvore foi perdendo os seus pesados ramos, daí resultando várias cavidades e cicatrizes que podemos observar agora, o que não impede o castanheiro de continuar a produzir frutos. Apesar da longa idade a árvore encontra-se num razoável estado de conservação, mas seria prudente criar um perímetro de protecção para a defender dos veículos automóveis que circulam e estacionam próximo dela.



ARAUCÁRIA DO BUÇACO

É uma bela árvore, graciosa, imponente. Quem se acerca do Hotel, contornando pela esquerda o convento dos Carmelitas, não pode deixar de ver a sua efígie singular recortada contra o céu. No seu tronco centenário, uma placa explica: «Araucária da Queenslândia - Araucária de Bidwilli - Hook». A mesma placa diz-nos que, em linguagem dos aborígenes (Austrália), se chama «Bunya-Bunya», que pertence à família das Araucariáceas, e que foi plantada em 1866, vinda da Austrália. É, portanto, uma árvore ali colocada com fins puramente ornamentais. Já que a plantação da Mata do Buçaco começara nos meados do século XVII pelos Frades da Ordem do Carmo.

Araucária, Austrália. Todavia, a palavra faz o meu pensamento voar para a América do Sul, Chile. Porquê?

Porque, etimologicamente «araucária» radica numa palavra da língua Araucana (ou Mapuche), vinda de «arauco» (rau, argila + ko, água). Quem eram os Araucanos?

Povo que habitava o Norte e Centro do Chile, travou, com a sua bravura e espírito bélico, a marcha dos Incas, primeiro (Iupanqui chegou a ocupar grande parte do território) e, depois, dos Espanhóis e dos (hoje chamados) Chilenos. Trezentos anos duraram os combates, a guerrilha, o massacre que levou, por fim, ao quase desaparecimento do povo Araucano. Hoje a população do Chile é predominantemente de origem europeia, com franjas de origem índia e cabocla. A título de curiosidade, anotemos que Lautaro, o último grande chefe Araucano, morreu em combate, reza a lenda, às mãos do capitão espanhol Francisco de Villagra, encurralado contra uma árvore gigantesca muito mais tarde baptizada com o nome de... Araucaria...

Mas voltemos à Botânica. As Araucárias são Gimnospermicas, classe das Pinópsidas, família das Araucariáceas, género *Araucaria* L. Guss, e compreendem numerosas espécies. Destas (a maior parte originária da Austrália - Nova Caledónia, algumas do Chile - vertente ocidental dos Andes) destaquemos: a *Araucaria Augustifolia* (Ar. do Brasil ou Pinheiro do Paraná), a *Ar. Araucana* ou *Araucaria Imbricata* (do Chile), a *Ar. Columnaris* (Nova Caledónia), e a *Ar. Heterophylla*, (Araucária de Norfolk), esta muito espalhada nos jardins portugueses dada a beleza da sua copa em forma de candelabro (belos espécimes podem ser observados no Jardim do Passeio Alegre, no Porto). Mas foi a «Araucária de Bidwilli» que motivou este escrito...

Como as suas «primas», bela e elegante, distingue-se por ter ramos ascendentes no topo da copa, ramos horizontais na parte média, e ramos descendentes em baixo. Há exemplares com mais de 40 metros de altura. A sua madeira de grande qualidade usa-se em construção civil, naval, e em mobiliário. No seu país de origem os Aborígenes apreciavam as suas sementes como alimento. A «nossa Araucária» mede entre 30 a 40 metros de altura, tem aproximadamente 3,5 metros de PAP (perímetro à altura do peito), e cerca de 15 metros de largura máxima de copa.

Sempre que vou ao Buçaco detenho-me a olhá-la como obra de arte que é. Mas, se não quer ir tão longe, observe o belíssimo exemplar de Araucária Bidwilli, também gigantesco e bem conservado, existente no Jardim da Cordoaria, no Porto. Esta árvore, observada do topo da Rua 31 de Janeiro, rivaliza em beleza com a Torre dos Clérigos que perto se recorta contra o céu. Uma obra de arte que Nazzoni não desdenharia...

DAVID TORRES



a vida selvagem nas quatro estações

TRIBUNA da NATUREZA PRÓXIMO INVERNO

- ▶ Águia-imperial em Portugal
- ▶ Bufo-real
- ▶ Mamíferos carnívoros no Sul de Portugal

ENCONTROS IMEDIATOS NA NATUREZA

Registo TN 37 Lobo-ibérico (*Canis lupus signatus*)

Data: 2006.Fevereiro.4

Local: Parque Natural de Montesinho.

Hora e duração: Observação pelas 16h 55m com cerca de 2 minutos de duração.

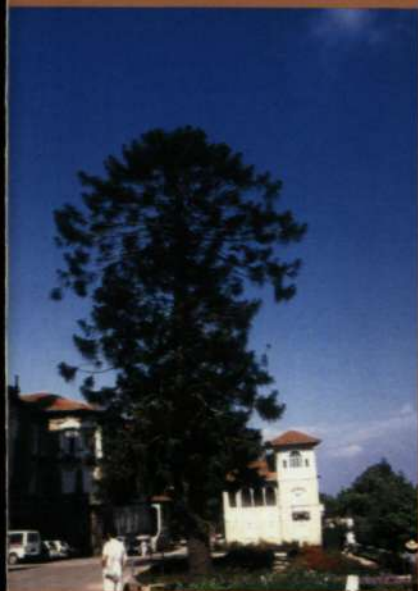
Distância: Entre 50 a 100 metros.

Condições atmosféricas: Céu limpo, vento fraco; temperatura ambiente de 5°C.

Observadores: Cláudia Bragada e Miguel Barbosa.

Outros dados: Poucos metros abaixo do trilho por onde caminhávamos avistámos, a mover-se por entre o mato rasteiro, um grande animal de pelagem cinzenta que não conseguimos identificar. Entretanto, numa clareira contígua, um lobo olhava-nos fixamente sem se mover. Ao fim de alguns segundos começou a «trotar» em direcção ao topo da encosta, acabando por desaparecer. Mais abaixo um segundo lobo estava já a percorrer o mesmo trilho desaparecendo no meio da vegetação. Cerca de 1h mais tarde, já ao entardecer, escutámos os uivos da alcafeia predominando as vocalizações de sub-adultos.

Se possui observações relevantes de espécies selvagens (fauna e flora) ou situações insólitas que as envolvam, escreva-nos, indicando todos os elementos possíveis para a melhor caracterização do encontro. A sua informação, individualmente importante, revelar-se-á mais ainda quando cruzada e confrontada com outras.

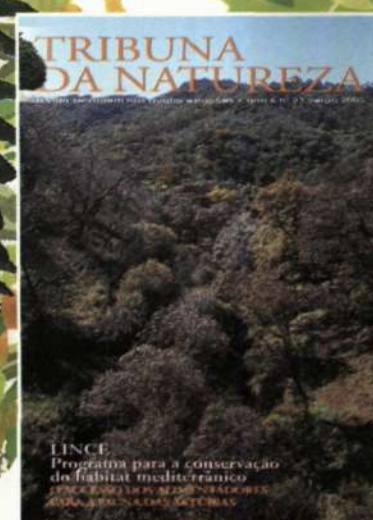
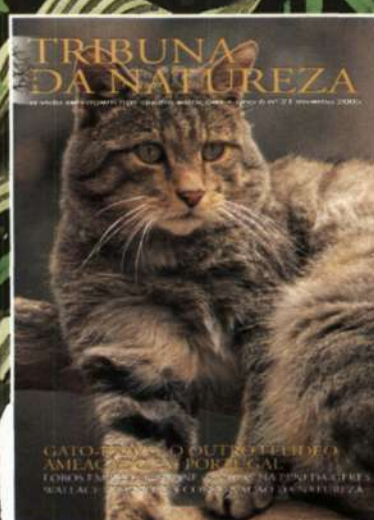
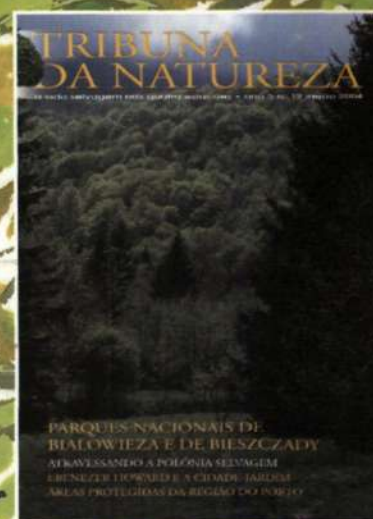
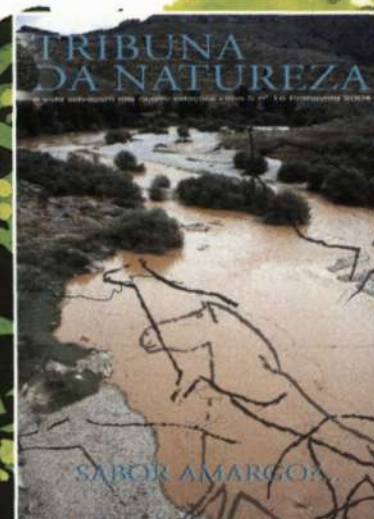
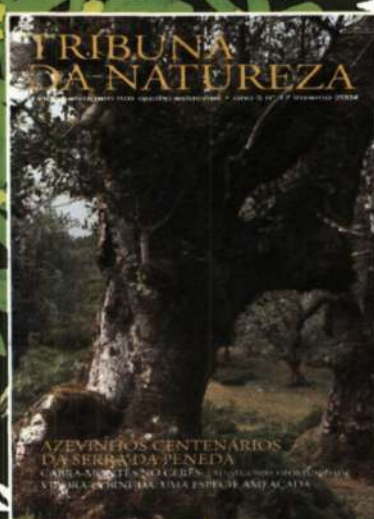


arquivadores

TRIBUNA da NATUREZA

para 12 números (3 anos)

13 Euros + 4 Euros para portes de envio



A natureza deve ser preservada. Proteja a vida selvagem nas quatro estações

Desejo assinar a revista **Tribuna da Natureza** ☐ por 4 números (13 Euros)
☐ por 8 números (26 Euros)

Nome
 Endereço código postal
 Telefone Fax email
 Para isso, junto envio cheque nº do banco
 no valor de à ordem de FAPAS Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens.

Data | | Assinatura

pedidos a  **FAPAS**
 Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens

Rua Alexandre Herculano, 371 4º andar Dto 4000-055 Porto Tel. 22 200 24 72 • Fax 22 208 74 55